



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MASCULINIDADES EM D. CAROLINA NA OBRA *BOM - CRIOULO*

Isabel Cristina da Silva Carneiro

Graduanda em letras – português na Universidade Estadual da Paraíba

isa_bel.ic@hotmail.com

Jhonatan Leal da Costa

Orientador

Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba

jhonatan_leal@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo traz uma análise de D. Carolina, personagem criada por Adolfo Caminha em *Bom – Crioulo*, procurando mostrar o quanto a mesma possui traços atípicos para sua época e o quanto se assemelha às mulheres do século XXI, principalmente por romper com os papéis socialmente definidos para a mulher de sua época, o que, nos dias de hoje, é meio que natural em grande parte do público feminino. É um exemplo de mulher que não se deixa influenciar pela sociedade e muito menos pelos falatórios a seu respeito, é levada pelos desejos sexuais e não é dominada pelas paixões, sendo considerada fria e também independente. Nosso estudo traz, ainda, uma proposta de análise da personagem em sala de aula, através da reflexão comparativa entre o sujeito ficcional D. Carolina e as mulheres do mundo atual, constantemente influenciadas pela mídia no que diz respeito à sexualidade feminina.

Palavras- chave: D. Carolina, sexualidade feminina, Bom - Crioulo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

Este artigo tem por objetivo realizar uma análise da personagem D. Carolina, de *O Bom - Crioulo* de Adolfo Caminha (1895). D. Carolina é construída na/pela obra como uma ex-prostituta portuguesa, quarentona, do século XIX. Dona de uma pensão, ela é amiga de Amaro (o Bom-Crioulo) e que fica obcecada pelo parceiro de seu amigo, o Aleixo. Sendo assim, a mesma procurará conquistar o garoto de todas as formas possíveis.

O que será colocado em questão nesse texto é exatamente a sexualidade não padrão da personagem, visto que ela não possui as características típicas das mulheres de sua época, como submissão, dependência ao marido, dotes domésticos e/ou maternidade. D. Carolina, ao contrário, não é casada (possui apenas um caso com Brás, personagem que vez ou outra a ajuda financeiramente, porém vive da renda que obtém por meio dos aluguéis da pensão), já manteve relação sexual com mais de um homem, não possuía filhos, vivendo então sozinha, pois como afirma BADINTER (2005, p. 14) acerca do momento em que a mulher passa a se sustentar e não precisar tanto de um marido; “a imagem da mulher tradicional ia-se apagando para dar lugar a uma outra, mais viril, mais forte, quase senhora de si, se não do universo”.

É isso o que se percebe em D. Carolina, um perfil de mulher forte, distante dos ideais românticos, mas atraída pelas volúpias do desejo, a qual não se preocupa em dar satisfações aos falatórios da sociedade de sua época altamente conservadora.

Visto que há carência de trabalhos na proposta apresentada por este artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica tendo como referência BADINTER (2005), TOURAINE (2010), VASCONCELLOS (2003) e COSSON (2006), com o intuito de investigar como se configura a sexualidade atípica da personagem D. Carolina na obra secular *Bom – Crioulo*, de Adolfo Caminha.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1 – D. Carolina: quem sois?

Em séculos passados (e até mesmo no período atual), no Ocidente guardava-se a ideia de que o homem devia dar o primeiro passo para se aproximar afetivamente de uma mulher, e não o contrário (é importante observar que nem todas as mulheres da atual geração ainda pensam assim), isso se percebe facilmente ao se observar a própria história da literatura em que Basílio conquistou Luísa, Martim a Iracema, Álvaro a Isaura, dentre outros.

Na narrativa de *O Bom – Crioulo* (1895, p.65) há um outro padrão, o da mulher que vai a procura, não de seu amado, mas de seu objeto de desejo, como é possível de se confirmar através do trecho:

Há dias metera-se-lhe na cabeça uma extravagância: conquistar Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente, dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçados, almoço e jantar nos dias de folga – dando-lhe tudo enfim.

Na realização desse capricho, D. Carolina, sob uma outra perspectiva, poderia ser assimilada como alguém que buscava na figura de Aleixo o filho que nunca tivera, projetando, no rapaz, a vontade de ser mãe, de constituir uma família, e de ceder de uma vez por todas aos papéis sociais instituídos para as mulheres de sua época. Tal leitura, no entanto, no parágrafo seguinte é desconstruída:

Era uma esquisitice como qualquer outra: estava cansada de aturar marmanjos. Queria agora experimentar um menino, um criança sem barba, que lhe fizesse todas as vontades. Nenhum melhor que Aleixo, cuja beleza impressionara-a desde a primeira vez que se tinham visto. Aleixo estava mesmo a calhar: bonito, forte, virgem talvez... (Bom – Crioulo, P.65)

Observa-se, então, no trecho, uma mulher já “madura” em busca de ter algum tipo de relação com um garoto, bem mais novo que ela, quebrando toda expectativa da mulher romântica do século XIX, a qual passa a apresentar características que na época eram vistas como tipicamente masculinas, visto que era o homem quem procurava se “engraçar” pelas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

moças virgens, ato que o autor sugeriu que D. Carolina quis fazer ao usar, no final do excerto, o termo “virgem talvez”.

Dessa forma, D. Carolina deixa de ser socialmente interpretada como uma mulher vítima da ditadura falocêntrica, visto que não comunga os dogmas machistas típicos da sociedade em que vivia. Ao invés de esperar suprir os desejos de um homem que a procure, D. Carolina busca o prazer sexual, e acaba por pagar o preço de tal transgressão, pois, como diz Badinter (2005, p. 18):

Esse “vitimismo” não deixa de ter suas vantagens. Para começar, a pessoa sente-se imediatamente do lado certo da barricada. Não só porque a vítima sempre tem razão, mas porque ela suscita uma comiseração simétrica ao ódio implacável que se nutre por seu carrasco.

Sendo assim, para muitas mulheres, ser vítima é o caminho mais provável, mas para a personagem D. Carolina não, ela se mostra forte, sinuosa, atrevida, desapegada e até mesmo adepta de manejos e traquejos socialmente vinculados ao masculino. Na relação mantida com Aleixo, é ele quem mais será possuidor de características culturalmente relacionadas ao universo feminino, visto que ele é quem se submete ao autoritarismo de D. Carolina, permitindo-se ser mantido por ela e comandado no ato sexual.

Como afirma Touraine (2010, p. 43) “as mulheres passaram da consciência de objetos à consciência de sujeitos”, não havendo mais passividade, a personagem sabe ser “dona de seu nariz” e aproveita essa situação, pois ainda segundo o estudioso é “a independência financeira que lhe abre outros horizontes, maiores que o do casamento e a maternidade”. Exatamente por isso D. Carolina não sugere casamento a Aleixo, uma vez que ela apenas quer aproveitar o momento, ter liberdade para fazer o que bem desejar, “amigar-se com ele secretamente”.

2 – A questão da virgindade



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O Brasil passou por uma série de transformações políticas, econômicas e sociais na virada do século devido a ideologia patriarcal predominante em grande parte das famílias, principalmente as mais tradicionais, da elite, onde as jovens eram incentivadas a se manterem “puras”, ou seja, virgens, até o matrimônio. Desse modo, a virgindade feminina surgiu na sociedade ocidental como um símbolo de boa educação e honestidade. Os pais escolhiam o marido ideal para suas filhas, não havendo o casamento por amor. A instituição do casamento, por sua vez, não era bem vista para aquela que já havia ultrapassado os vinte e cinco anos, sendo as despreocupadas com o matrimônio julgadas como sujeitos sexualmente “fáceis” ou prostitutas.

A virgindade servia para comprovar a boa fama da mulher, fazendo parte de seu perfil de “mulher de família”, disposta a estar subjugada ao pai e em seguida ao marido.

Segundo Matos (2013, p.06)

Havia uma negação da personalidade feminina, a mulher não possuía uma identidade própria, pois ou era filha de “fulano”, ou a irmã de “beltrano” ou ainda a esposa de “siclano”. Para tanto, estas representações nada mais eram que um reflexo de valores machistas, com destaque para os princípios da ideologia patriarcal que perdurou por vários anos (...).

Partindo de tal panorama histórico se observa o quanto D. Carolina foi uma mulher corajosa para seu tempo, visto que agia mesmo sabendo das consequências que isso lhe poderia trazer. Como citado anteriormente, já não era mais virgem, pois desde os vinte anos trabalhava usando o próprio corpo para ganhar dinheiro e, quando conheceu Aleixo, estava praticamente aos quarenta.

A descrição da primeira relação sexual entre ambos mostra sua habilidade nesse assunto e a inexperiência do outro: “Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele se deixava estar imóvel, muito admirado para essa mulher- homem que o queria deflorar ali assim, torpemente, como um animal” (CAMINHA,1895, p. 68,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

grifo meu), nesse trecho se percebe uma inversão social de papéis entre as personagens representadas, problematizada, por Adolfo Caminha, ao se referir à D. Carolina como uma “mulher – homem”. Diferente do exposto na narrativa o que se esperava de uma mulher do século XIX era a preservação da virgindade ou, devido à idade em que D. Carolina se encontrava, estar casada e só “se perder” nos braços de um marido.

Segundo Badinter (2005) “a mulher é culpabilizada por despertar desejos impuros, enquanto o homem é inocentado por experimentá-los” (P.153), sob essa perspectiva Aleixo assumiria o papel de vítima, logo que só se envolveu com D. Carolina por esta instigá-lo a ter desejos sexuais, visto que a mesma se “oferecia” ao garoto como é possível se observar no trecho:

Começou a fazer-se muito meiga para o rapazinho, guardando-lhe doces, guloseimas, passando a ferro, ela própria, seus lenços, gabando-o na presença de estranhos, fingindo-se distraída quando queria mostrar-lhe a exuberância de suas carnes – perna, braços ou seios... Uma ocasião Aleixo vira-a em camisa curta, deitada com as pernas de fora; porque os aposentos da portuguesa davam para o corredor e, nesse dia, ela esquecera fechar a porta. O grumete voltou o rosto depressa, todo cheio de respeito, com se aquilo fosse uma profanação: mas, depois, ao lembrar-se do caso, tinha sempre arrepios voluptuosos, não podia evitar certa quebreira, certo desfalecimento acompanhado de ereção nervosa... (CAMINHA, 1895, p. 66)

Sendo assim se percebe a inocência do garoto perante a experiência de D. Carolina, que, durante o desenrolar dos fatos, foi provocando – o até conseguir conquistar seu objetivo: tê-lo como amante.

O que se encontra na narrativa é uma mulher procurando “tirar” a virgindade de um garoto, o inocente sendo induzido pela que tem mais experiência, levado a mudar suas práticas (visto que mantinha relações homoafetivas com Amaro). Ela foi então responsável por “tirar a inocência” do rapaz através de um ato sexual não sentimental e emotivo (devido ser a primeira vez de Aleixo), mas bruto e sem escrúpulos, como se pode comprovar por meio do trecho: “Ela, de ordinário tão meiga, tão comedida, tão escrupulosa mesmo, aparecia-lhe



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

agora como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote...” (CAMINHA, 1895, P. 68).

Não se percebe sentimento amoroso no ato, mas uma vontade imensurável de satisfazer os desejos da “carne”, coisa que está mais atrelada aos sentimentos masculinos, e até em dias atuais, conforme mostra Badinter (2005, p. 116) “o fato de uma mulher aspirar à mesma liberdade sexual dos homens, isto é, fora de qualquer sentimento, é sempre encarado como um vício ou uma anomalia.”

O preconceito vigente no século XIX ainda se encontra presente no século XXI, que se diz mais moderno, livre, mas que esconde os mesmos pensamentos puritanos de outrora camuflados através de uma falsa ótica de aceitação.

A frieza da personagem com relação ao parceiro ainda se identifica no final da história, quando Aleixo é morto e a única reação que D. Carolina demonstra é espanto:

E D. Carolina, que também chegara à janela com a vozeria, com o barulho, viu, entre duas filas de curiosos, o grumete ensanguentado...

-Jesus! Meu Deus!

Uma nuvem escureceu-lhe a vista, correu-lhe um frio pelo corpo, e toda ela tremia horrorizada, branca, imóvel. (CAMINHA, 1895, P. 118, grifo meu)

D. Carolina em nenhum momento mostrou-se preocupada com o acontecido ao garoto. Ainda que pudesse ter algum sentimento por ele, visto que ambos mantinham relações sexuais, sua reação foi igual a de qualquer outro curioso que estivesse passando pelo local, ou seja, choque por estar observando um cadáver, e um choque maior por o conhecer e nada mais que isso.

Diferente das mulheres representadas nas obras românticas, pintadas como seres sentimentais e submissos, o que se observava em *Bom - Crioulo* é a estruturação de uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher diferente, já não idealizada, que não possui o amor como fonte de sua vida, como uma mulher típica do movimento Realista.

3 - D. Carolina em sala de aula: uma personagem atemporal

Quando se propõe a leitura de uma obra do tipo *Bom – Crioulo*, é comum partir dos alunos as seguintes indagações: “Para que ler isso?”; “que *coisa* mais antiga!”, “não sei porque precisamos estudar esse conteúdo!”. Desse modo, fica a cargo do professor direcionar a leitura da obra literária, mostrando para a turma que a narrativa secular pode estabelecer pontos relacionais com o nosso momento atual.

Inicialmente, um ponto importante para o trabalho do professor de literatura que deseja levar *Bom – Crioulo* para seus alunos, e, conseqüentemente, toda a problematização em torno da personagem D. Carolina, é a interseção entre ela e as mulheres da sociedade atual. O professor deve identificar junto com os alunos que hoje há mulheres que namoram homens mais novos, a liberdade do ato sexual, questioná-los acerca do valor da virgindade para a conjuntura atual e para a representada no romance, etc. Nesse sentido Cosson (2006, p.55) afirma que:

Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação. (P.55)

Em seguida, cabe ao professor estimular ainda mais a reflexão dos alunos sobre a que condições as mulheres ocidentais estão submetidas, ao levantar as seguintes questões: “Aleixo é socialmente bem visto ao aceitar ser sustentado financeiramente por uma mulher?”; “Se fosse D. Carolina quem estivesse no lugar de Aleixo, sendo sustentada por ele, as pessoas a veriam de maneira crítica? Por quê?”; “O que garante segurança social para D. Carolina na



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

hora de decidir ter liberdade sexual?” “Quais consequências os atos transgressores de D. Carolina poderiam trazer? E os benefícios?”

Já na leitura e interpretação da obra, o professor deve demarcar para os alunos que D. Carolina é uma personagem muito moldada às características das mulheres do século XXI, visto que não está presa aos mesmos tabus daquelas de seu século, é moderna, aberta ao novo, fato que se comprova por ter mantido relações sexuais com alguém que além de ser mais novo, possuía experiências homoafetivas. Era uma mulher avançada para sua época, indiferente para os papéis de gênero que a sociedade patriarcalista procurava lhe impor.

4 – Considerações finais

Há em D. Carolina atitudes das mulheres do século XXI, que não se assujeitam a sociedade patriarcal, pelo fato de darem o primeiro passo, não costumam esperar que seu amado (ou atualmente “ficante”) se aproxime primeiro, como se percebia em textos do Romantismo e Arcadismo.

As mulheres de hoje, assim a personagem feminina de Adolfo Caminha, não precisam estar casadas ou ter filhos para serem felizes. Em grande parte, elas já nem sequer almejam construir uma família, o que mostra o quanto há de familiaridade na personagem D. Carolina com grande parte do público feminino vigente, mais progressista e menos conservador, ao menos no que tange aos direitos e espaços das mulheres na sociedade.

Como bem coloca Vasconcellos (2003, p. 516):

Nos últimos anos, as mulheres empreenderam sua caminhada em direção à autonomia, conquistando muitos dos espaços que sistematicamente lhes vinham sendo vedados. O fato de ocuparem hoje uma posição paralela à do homem não significa, entretanto, que a sociedade já tenham absorvido por completo a idéia de igualdade. Esta, aliás, nada tem de nova, uma vez que a luta da mulher por seus direitos já tem registro claro desde os tempos revolucionários do século XVIII na França.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sendo assim, por mais espaço que as mulheres tenham conseguido em todos os âmbitos na sociedade, a ideia de igualdade está longe de atingida, pois ainda há, inclusive, mulheres mais conservadoras, que vivem e defendem o patriarcalismo. Apesar disso, a luta para que mais mulheres tenham o direito de ser e agir como D. Carolina, imunes às imposições patriarcais, deve continuar não só na literatura, mas em todos os âmbitos da sociedade que ainda “engessam” a vida de mulheres que são rechaçadas e/ou recriminadas por aspirarem ter a liberdade de personagens inspiradores como D. Carolina.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Referências

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Saraiva, 2008.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CAMINHA, Adolfo. **Bom – Crioulo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MATOS, Paulo Roberto. **A virgindade como “dote natural” da mulher: sexualidade feminina em São Luís na virada do século (1880 – 1920)**. In: III simpósio de história do Maranhão oitocentista: impressos do Brasil do século XIX, 2013, São Luís.

QUEIROS, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: Saraiva, 2006.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

VASCONCELLOS, Eliane. **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Ed. Mulheres: EDUNISC, 2003.